

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGA-
NDA, VIAGENS,
NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VII
II SERIE

MARÇO 1923
N.º 129

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: *LARGO BORDALO PINHEIRO, 28* — TELEFONE 2337 CENTRAL

A eterna questão das estradas

MAL CHRONICO DO NOSSO PAIZ

FEZ crise uma das enfermidades que mais teem afectado a vida do nosso Paiz: a doença das estradas,

Infelizmente esta enfermidade pertence á categoria dos males que não desaparecem por virtude de repulsão da propria natureza — a não ser que um cataclismo cosmico lhe dêsse uma cura radical: mas a sua eliminação depende apenas da vontade do homem ou dos homens — e tanto basta para que, em Portugal, esse mal se torne incuravel.

Desde a publicação do primeiro numero d'esta Revista, não temos deixado de abordar o assumpto, tratando-o com o interesse que ele nos tem sempre merecido.

A cada nossa viagem, a cada informação, a qualquer sugestão, surgia sempre um artigo nosso pondo ao vivo a gravidade do mal.

Expuzemos em todas essas nossas referencias — e d'uma forma bem clara, não só o estado lastimoso das nossas importantes vias de comunicação, mas, tambem, os prejuizos, enormes e imediatos, que adviriam se não se procedesse á importante obra da sua reconstrucção, que era exigida sem delongas nem hesitações.

Comnosco, parte da imprensa portugueza se fez echo d'esse estado lastimoso, mos-

trando bem ao vivo a situação critica, em extremo, da maioria das nossas principaes estradas.

Nós fomos, até, mais longe — sugerindo, por diversas vezes, alguns alvitres aproveitaveis, a tomar em conta n'um estudo consciencioso do assumpto de forma a resolvel-o com a maior eficiencia e o minimo encargo para o Estado.

Lembra-nos, tambem, que, por essa ocasião, o nosso muito presado colega «A Epoca», inserindo diversos artigos da auctorita do seu brilhante Director, Sr. Engenheiro Fernando de Souza, indicou a forma pratica de se conseguir o almejado fim, sem grande — ou mesmo pouco grave para o thesouro publico.

Nada, porem, até hoje conseguiu fazer demover a criminosa apathia dos poderes publicos perante um facto de tão grande magnitude.

Creou-se a Administração Geral das Estradas e Turismo, é certo; e a essa boa medida não regateámos os nossos mais sinceros aplausos. Todavia, os meios d'acção com a que dotaram, não corresponderam nunca aos bons esforços que, segundo cremos, teem sido postos á prova para, tanto quanto possivel, se atenuar os resultados perniciosos do mal existente.

E a prova de que a situação piorou d'uma forma bem sensível e que o mal se tem extendido já a toda a rede de viação, é o acto de vehemente protesto que acaba de se confirmar com a reunião de todos os municipios do paiz, na qual se deliberou entregar ao Parlamento uma representação, pedindo as mais promptas e energicas providencias a fim se pôr termo a um tão degradante estado de coisas.

A comissão encarregada de fazer a entrega d'essa representação teve ensejo de se avistar no parlamento com o Sr. Ministro do Comercio que: *declarou reconhecer a justiça de todas as reclama-*

ções formuladas contra o estado desgraçado das nossas estradas e prometeu dedicar ao assumpto a merecida atenção.

Está, pois, confirmada, pela palavra auctorizada do titular da pasta por onde corre o assumpto, a gravidade da situação das nossas estradas e a razão da constante campanha que tem sido feita em torno de tão magno assumpto.

Vejam, agora, como S. Ex.^a e o Parlamento procedem para dar remedio a esse *estado desgraçado das nossas estradas.*

J. L.

MENDONÇA E COSTA

A morte, implacavel, acaba de ceifar das plantas vivas mais uma arvore de grande porte — um homem que era al-



guem n'este meio acanhado onde os Homens se vão tornando de cada vez mais distinctos, por isso que vão rareando.

Do numero dos vivos acaba de desaparecer Leonildo de Mendonça e Costa, um vasto e culto espirito, homem de acção, trabalhador incansavel, a quem o turismo em Portugal deve, talvez, o seu inicio.

Foi Mendonça e Costa um dos fundadores da Sociedade Propaganda de Portugal e a sua alma durante largos anos. Muito viajado, conhecedor das belezas do seu paiz natal e familiarisado não só com a vida dos grandes povos, mas tambem com o que eles possuem de mais notavel, Mendonça e Costa, como genuino portuguez que era, entendeu que o seu patriotismo não ficava satisfeito se não empregasse o seu melhor esforço em crear uma associação destinada apenas á propaganda do seu e nosso rico paiz, a espalhar por toda a parte as suas belezas, os seus encantos, as belas qualidades do seu povo. E assim, com o concurso de Fernando de Souza, Manuel Emygdio da Silva, Ferreira Madail, já falecido; Pedro d'Oliveira Pires e outros, conseguiu dar vulto a essa sua mais cara idéa — e realizou-a. Ela ahi existe, atestando a sua tenacidade.

Tornou-se, d'esta forma, um legitimo precursor do turismo em Portugal, que ele sempre defendeu com o maior entusiasmo.

Quando outros titulos não impuzessem a sua memoria a uma justa e perpetua consagração, este dava-lhe legitimamente esse direito.

Mendonça e Costa era tambem jornalista, e as suas chronicas sobre viagens, que publicava assiduamente na *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, por ele fundada e dirigida sempre superiormente, atestam não só o espirito scintilante d'um verdadeiro chronista de turismo, mas, ainda, a *verve* de que era dotado e que lhe fez grangear uma grande aura pela facilidade que tinha em arranjar calemburgos.

Conversador interessante, *blagueur* emérito, dotado d'uma vivacidade que conservou até os seus ultimos momentos, Mendonça e Costa desaparece quando ainda a sua presença na vida era tão preciosa.

O ilustre extinto era funcionário superior, aposentado, da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes onde actualmente exercia o cargo de secretario da Assembleia Geral; fundador e director da

Gazeta dos Caminhos de Ferro; fundador, com José Duarte do Amaral — tambem já falecido — do *Guia Oficial dos Caminhos de Ferro*, que dirigiu egualmente com superior criterio, tornando essa publicação absolutamente indispensavel; socio fundador da Sociedade Propaganda de Portugal e o seu mais dedicado e fervoroso auxiliar, tendo ainda um outro titulo que lhe dá jús á nossa maior consagração — o de autor do unico guia portuguez que existe sobre viagens — o *Manual do Viajante em Portugal*, publicação do mais alto interesse e da maior utilidade.

Por tudo se vê quanto ele era um homem de inteligente acção e quanto nós todos lhe ficámos devendo pelos beneficios que proporcionou ao seu paiz, que ele tanto adorava.

Que descanse na paz do tumulo quem, como ele, tem o mais legitimo direito a esse socêgo na vida do Além.

A' sua desolada filha e a seu genro, bem como ao nosso colega *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, a *Revista de Turismo* apresenta a expressão sincera do seu muito pesar.

PORTUGAL NO EXTRANGEIRO

E' NOS muito agradavel registar os resultados vantajosos da propaganda que de nós se faz no estrangeiro.

Acolhendo sempre, com o maior entusiasmo, as referencias que, como consequencia d'essa boa propaganda, se fazem na imprensa estrangeira a nosso respeito, não podemos deixar de transcrever o relato feito pelo jornal «La Petite Gironde», de Bordeus, d'uma interessante conferencia realisada n'essa cidade pelo ilustre professor de portuguez na Universidade de Rennes, nosso compatriota sr. Chagas Franco; conferencia a que o

sr. Quiliam Machado, nosso consul n'aquela importante cidade, deu o maior relevo.

A seguir transcrevemos essa descripção na propria lingua em que foi escripta, não só para que se possa bem apreciar o espirito que a dictou e a forma como essa conferencia foi recebida, mas ainda para que no estrangeiro, onde a nossa Revista é bastante lida, seja mais facilmente comprehendida a atenção com que somos tratados por quem nos conhece e o que temos e valemos perante o Mundo culto e civilisado.

«Il est dans la logique des choses et des événements qu'un beau jour ait un radieux lendemain. C'est ainsi qu'après la rayonnante soirée d'«Union» que nous offrait mardi soir le corps consulaire de Bordeaux, M. Quiliman Machado, consul du Portugal, nous a convié mercredi à assister, à l'Athénée municipal, à une conférence sur «Le Portugal», faite par M. Chagas Franco, professeur de littérature portugaise à l'Université de Rennes.

Ce fut une manifestation des plus intéressantes, à l'organisation de laquelle avait pris part la Société de Propagande du Portugal, dont le siège est à Paris et à Lisbonne, et dont le délégué à Bordeaux est M. Raux.

Autorités et notabilités bordelaises avaient eu à cœur de prendre part à cette manifestation. Aux côtés de M. le Consul de Portugal, on remarquait MM. Saint-Amans, attaché au cabinet du préfet, représentant M. Arnault; Dumas, adjoint délégué aux Beaux-Arts, représentant M. Philippart, maire; le commandant Sanson, du 58e d'artillerie, représentant M. le général en chef Dupont, etc.

Les consuls bordelais avaient également tenu à témoigner leur confraternelle et affectueuse solidarité en assistant, en grand nombre, à cette conférence avec leur président, M. le docteur Carlos Calamet, consul de l'Uruguay; leur secrétaire trésorier M. Svan Groendahl, M. Grimm-Provence, consul d'Italie, etc.

Dans une courte et substantielle allocution, M. Quiliman Machado a présenté le conférencier, dont il a fait le plus délicat éloge.

«Le Portugal, petit pays de l'extrême Occident de l'Europe, troisième puissance coloniale, a-t-il dit, est fier de son histoire, de sa littérature et de ses artistes, et a exercé toujours une influence civilisatrice...

«Non seulement les relations commerciales de nos deux pays ont pris un grand développement, mais aussi les relations intellectuelles se manifestent d'une façon intense, comme le prouvent les visites fréquentes des hommes les plus éminents de la France qui nous honorent de leur présence à Lisbonne, comme ceux du Portugal tiennent à visiter votre beau pays.

«Il y a cependant une différence entre nous: c'est que, lorsque vous allez chez nous, nous vous comprenons bien parce que nous connaissons votre belle langue, et c'est pour que vous puissiez nous connaître mieux que nous désirons que vous appreniez la nôtre...»

M. Chagas Franco a alors donné à ses auditeurs, qui n'ont cessé de l'applaudir, une «idée générale de l'Histoire portugaise»; de l'«amour du Portugal pour la France»; de la «formidable action civilisatrice des Portugais.»

Dans un exposé des plus intéressants et des plus captivants, le professeur de l'Université de Rennes a passé en revue les périodes de la civilisation portugaise, l'influence celtique et l'influence romaine en Portugal. Il a montré l'esprit chevaleresque du Portugais, son lyrisme. Il a raconté de curieuses et émouvantes anedoctes. Il a retracé son expansion, ses premières découvertes, sa colonisation, l'œuvre de Vasco de Gama et des navigateurs portugais des XVe et XVIe siècles, son action sociale...

En terminant, M. Chagas Franco a parlé d'une des «plus grandes nations du monde, des plus prospères, fille du sang, de l'amour, de l'esprit du Portugal: le Brésil», et enfin a exprimé tout ce que le Portugal a donné à l'humanité.

«La France, a-t-il conclu, est le foyer lumineux de la civilisation moderne: le Portugal est un des propagandistes les plus infatigables de cette civilisation... C'est ainsi que, dans le vaste monde de créations latines, l'Histoire de la France et celle du Portugal se complètent. La France a amélioré, agrandi encore l'âme latine avec tous ses génies, tout son esprit créateur. Le Portugal propage depuis quatre siècles, dans le monde, cette âme glorieuse.» (Triple salve de bravos).

Avant de lever la séance, M. Raux a tracé dans son ensemble le but de la Société, qui est de faire connaître le Portugal et de faciliter ses relations avec la France. M. Raux a, en même temps, chaleureusement remercié et félicité M. Chagas Franco.

En cela, il a été l'interprète fidèle des sentiments de l'assistance tout entière.

RELAÇÕES INTERNACIONAES

NOVO HORARIO DO SUD-EXPRESS

REUNIRAM-SE, no mez passado, em S. Sebastian, as direcções das companhias interessadas na circulação do «Sud-Express» Paris-Lisboa, com o fim especial de estudarem um novo horario para esse importante comboio internacional, de forma a que, com uma maior accleração da sua marcha, se conseguir não só um encurtamento na duração da viagem, mas, tambem, a mudança das horas de partida e chegada a Lisboa para assim se dar ligação imediata á carreira marítima para Casa Blanca.

A este respeito, e como auctorizada critica sobre o assumpto, vamos transcrever o que, devido á pena do nosso querido Redactor Principal Sr. Guerra Maio, já publicámos n'esta Revista.

No que respeita ás ligações com o recente serviço directo para Casa Blanca, afigura-se-nos que o horario a que esse nosso presado colega se refere é mais apropriado e comodo e que melhor satisfará as exigencias d'esse importante serviço que, a todos os titulos, é merecedor da nossa maior atenção e dos nossos mais cuidadosos esforços.

Deixamos, pois, o assumpto á resolução das companhias interessadas, parecendo-nos que nenhuma outra solução se apresentará com melhores resultados praticos.

«A titulo apenas de esclarecimento, segue-se um pequeno esboço do que podia ser o horario do *Sud-Express* :

16-00 P	Lisboa	↑ C 14-15
18-50 C		P 11-20
18-55 P	Pampilhosa	C 11-15
22-55 C		P 7-35
23-05 P	Fuentes V. Formoso	C 7-25
1-35 C		P 4-55
13-9 P	Salamanca	C 4-51
3-06 C		P 3-25
3-11 P	Medina	C 3-20
10-25 C		P 19-55
10-50 P	Hendaya Irun	C 19-30
14-04 C		C 16-10
14-09 P	Bordeus	D 15-56
21-00 C	Paris	↓ P 9-00

D'esta maneira nós teriamos as seguintes reduções nos percursos das varias companhias, no sentido Lisboa-Paris: C. P. 13', Beira Alta 60', S. E. P. e Medina Salamanca, 60', Norte de Hespanha, 25' e Midi, 20'. Em Orleans não haveria redução alguma, atendendo á já grande velocidade ali do *Sud*.

A partida do *Sud-Express*, de Paris, ás 9 horas da manhã, não só conviria aos passageiros com destino a Bordeus e Biarritz, mas tambem aos internacionaes, quer viessem da capital franceza, quer tivessem chegado ali nos comboios da manhã de Inglaterra, Belgica ou Alemanha, d'onde tivessem partido na vespera.

A chegada a Lisboa no dia seguinte ás 14,15, permitia ao passageiro vindo de Paris, embarcar immediatamente para a America do Sul, sem mais incomodos.

Os paquetes para a America do Sul, partem, regularmente de Lisboa, ao cahir da tarde, pelo que sem alteração da hora de partida, podem receber os passageiros do *Sud*; podendo, porem, mais tarde, logo que o serviço directo esteja organizado, negociar-se com as companhias de navegação e dos caminhos de ferro, para efeito dos possiveis atrazos dos vapores e comboios.

No sentido de Lisboa-Paris, partindo o *Sud* de Lisboa ás 16 horas, teriam os passageiros vindos do Brazil, uma margem larguissima para o tomarem, podendo até quando os vapores chegassem pela manhã—o que sempre acontece, quando ha escala pela Madeira—fazer um passeio a Cintra, ao Estoril, ou dar uma larga volta pela cidade. Isto para aqueles que quizessem seguir no mesmo dia, pois muitos haveria, que maçados com a viagem e com o enjão, prefeririam ficar aqui uns dias a descansar».

Dadas as especiaes condições que este serviço internacional tem para o nosso Paiz e a necessidade—que para nós, portuguezes, é manifesta—de mantermos as maiores facilidades no acesso dos estrangeiros a Portugal, quer simplesmente para nos visitarem, quer muito especialmente, como caminho obrigatorio de transito para a America do Sul, achamos que não devemos deixar até de suportar sacrificios de qualquer ordem que ele nos possa impor para se estabelecer a corrente de turistas que mais tarde compensará os sacrificios agora feitos.

CARTAS DE PARIS

O inverno da «Côte d'Azur» — A ganancia hoteleira desacreditando a famoso estancia. — Os ingleses amuados. — O cambio favorecendo a volta da antiga clientela. — Ainda a ganancia exploradora. — O que ha de acontecer em Portugal

A Côte d'Azur, que nos dois ultimos invernos, sofreu as consequencias da ganancia hoteleira, que lhe afugentou a sua melhor clientela — a ingleza — viu este ano os seus hoteis quasi cheios, o que a fez pensar nos tempos idos.

Já aqui o disse, e em Portugal não dou uma novidade a ninguem : a ganancia não tem limites.

Um comerciante, um hoteleiro, que viu o freguez pagar uma conta que ele augmentou desmedidamente, sem um protesto, fica logo com vontade de fazer novos augmentos.

O freguez paga da melhor vontade, quando é caro...

Assim foi na Côte d'Azur. No inverno 1919/20 os preços dos hoteis, fosse em Nice, fosse em Monte Carlo, augmentaram consideravelmente, porque no ano anterior os aliados ingleses pagaram sem pestanejar.

No ano seguinte, apesar do cambio ter melhorado e da vida em França ter tido uma baixa importante, resolveram augmentar mais um bocadinho, e sobretudo considerar extraordinario o que até ali era incluido no aluguer do quarto ou da pensão.

Mas os ingleses é que não estiveram pelos ajustes. E muitos, ao verem tal exploração, fecharam as malas e voltaram as costas ao hoteleiro e á sua desmedida ganancia.

Foi um pavôr na Inglaterra. Os jornaes chegaram a publicar noticias sobre tão escandalosa exploração. Nos Clubs ingleses de Paris, chegaram a ser afixados avisos

aos incautos para que não fossem a Nice nem a Canes, de contrario ficavam depenados.

Mas em 1920/21 a concorrência já foi muito inferior. No ano passado a Côte d'Azur bateu o record da ultima vintena de anos. Os hoteleiros viram os seus hoteis vassios ; alguns estiveram abertos apenas nas duas semanas que precederam o Carnaval e nas duas que lhe seguiram.

Nos syndicatos de iniciativa houve reuniões dos interessados, sendo votadas varias conclusões, entre as quaes a de se fazer uma larga propaganda no estrangeiro das belezas naturaes da Côte d'Azur, do seu clima, do seu sol, do conforto dos seus hoteis, e pedir ao caminho de ferro para não só acelerar os seus comboios, mas ainda para restabelecer os bilhetes de ida e volta e circulares de antes da guerra.

Sobre os preços, principal motivo da pouca concorrência, nem palavra.

Alguem ainda arriscou que seria conveniente remodelar os preços, baixando a pensão e encarecendo os vinhos — uma garrafa de Medoc passaria a custar o dobro e um café seria cobrado ao preço d'um calice de licor.

Como se tratava de augmentar, esta proposta foi mais ou menos aceite ; mas não se resolveu rebaixar o preço da pensão, porque não valia a pena.

Este ano, porém, mercê da baixa precipitada que o cambio francez sofreu, os ingleses resolveram arriscar uma viagem á Côte d'Azur. Os hoteis encheram-se rapidamente, e todos supuzeram que o amuo inglez fôra passageiro.

Como, porém, a baixa do cambio augmentára ligeiramente o preço da vida, os hoteleiros entenderam elevar um pouco os seus preços, uma coisa como trinta por cento; o que fez afugentar imediatamente a clientela, que como um bando de pardaes, abalou, uma vez passado o Carnaval.

Isto tudo vem a proposito da sorte que nos espera no dia em que o nosso desgraçado cambio comece a subir.

Pois todos estimarão que a vida baixe, mas só para eles; e assim um almoço, custará o mesmo preço quando o cambio estiver a cinco cu seis sobre Londres, que actualmente, estando entre as casas dos *dois* e dos *tres*.

Foi o que aconteceu á Tcheco-Slovaquia que viu subir o seu cambio a 150 por cento, no curto espaço de seis mezes sem que o custo da vida baixasse um centimo.

E a prova foi que Carlsbad, a sua famosa estancia thermal, no ano passado afugentou de tal maneira a concorrência que os passageiros bateram em retirada, chegando o protesto dos visitantes ao

extremo, de, nas estações fronteiriças, dizerem aos aquistas que se dirigiam a Carlsbad, que não fossem lá porque de contrario ficavam sem camisa.



Vae começar a nossa epocha thermal. Bom seria que as nossas estancias de aguas thermaes e as nossas praias fizessem no estrangeiro, principalmente no Brazil e em Hespanha, uma grande propaganda tendente a atrahir turistas, de que resultaria um grande reclame para o nosso Paiz e uma grande fonte de receita para a nossa economia.

Mas tudo isso será contraproducente se em anos futuros os preços forem graduados conforme o cambio—quero dizer: na proporção decrescente, se este começar a melhorar, e os hoteleiros, tiverem em sentido contrario regulados os seus preços.

Paris, Março 1923.

GUERRA MAÍO

BELEZAS DE PORTUGAL

BRAGANÇA E SEU DISTRICTO

UM velho amigo muito querido, cuja amizade data dos bancos da escola primaria, ha 47 anos (!), leu por acaso uma palestra sobre assumptos regionaes que fizemos em 22-8-918, quando prisioneiro na Alemanha, no campo de Breesen, granducado de Meklenburgo.

Os officiaes prisioneiros, no mesmo campo, para procurarem minorar as intensas saudades da Patria, resolveram levar a efeito conferencias sobre assumptos genuinamente portuguezes e nas quaes eram principalmente versados os de character regional em que cada conferente punha em destaque as belezas da sua terra natal e nas quaes, tambem, não era

raro manifestar-se a nota do puro bairrismo, apesar de estarmos tão distantes do nosso amado Portugal.

Não fugimos a essa corrente, pois, que, patriota como os outros e amando profundamente a terra que nos foi berço, tambem expozemos, em modesto trabalho, o que de memoria sabiamos e que na ocasião nos ocorreu, ácerca do que nos propuzemos tratar.

Modesto trabalho, sim, pois a nossa insuficiencia para mais não dava, visto que nem livros, nem estatisticas ou quaesquer apontamentos tinhamos á mão que nos pudessem elucidar e ser tudo meditado sob a impressão dolorosa da caren-

cia do essencial á vida, inclusivé a negra fome de que sofremos por longos e inesqueciveis mezes.

O velho amigo a que nos referimos animou-nos a dar á estampa esse trabalho e apontou-nos como propria para esse fim a *Revista de Turismo*. Cedemos aos seus conselhos, primeiro, por julgarmos ser, assim, uteis á propaganda das belezas naturaes da nossa terra natal e seu districto; segundo, para mostrar aos nossos conterraneos que, lá longe, o nosso coração nunca deixou de vibrar de extremo affecto pela nossa terra natal, pela qual sentiamos acerbo espinho e cruciantes saudades e a mais funda nostalgia.

BRAGANÇA E O SEU DISTRICTO

Cabe-me hoje a vez de tomar uns minutos da vossa atenção ouvindo-me sobre assumptos regionaes do nosso Portugal, cuja escolha tem sido tanto do agrado dos conferentes, e que tanto se amoldam á nossa actual situação de captivos, mais fazendo realçar o nosso amor patrio e as saudades que em especial sentimos pelo pequeno pedaço d'esse torrão aonde aspirámos o primeiro ar, abrimos os olhos, balbucíamos as primeiras palavras e ensaiámos os primeiros passos.

Tem sido praxe seguida pedir, de principio, a benevolencia para o apoucado dos conhecimentos, falta de dotes para poder prender a atenção, etc., coisas que dizem muito bem á modestia, mas que, quanto a mim, desculpem a rude franqueza, teem sido destinadas a tirar melhor efeito das já de si brilhantes conferencias que sem sombra de favor e até com grande exito teem sido proferidas por illustres camaradas.

Não faltarei tambem ás exigencias da praxe, que para mim, antes, constituem um dever, não só por não querer ludibriar-vos na vossa expectativa de assistirdes a uma palestra atrahente pela forma literaria, pelo impressivo do descriptivo ou pelo realce da phrase, mas tambem, e principalmente, por querer ficar de bem com a minha consciencia fazendo previa-

mente a declaração, para vós desilusoria, da minha insuficiencia.

Mas sendo assim não passo de um insensato, dum audacioso? Não. Eu explico :

Encontro-me n'este logar por dois motivos principaes : *a)* Para não ser descortez para quem teve a amabilidade de me convidar a fazer uma palestra e em quem conheci empenho por não aceitar as minhas escusas; *b)* Contribuir na medida dos meus estreitos recursos para não deixar cahir tão proveitosa pratica, acorçoando os novos que com competencia e largos conhecimentos nos venham desenvolver theses e assumptos que augmentem o nosso cabedal de preparação para, depois da guerra pelas armas, entrarmos na lucta economica, industrial, comercial, scientifica, etc.

Mas... ainda não vos disse o que me proponho tratar na minha palestra. Será, Bragança e o seu districto.

Bragança tem ligada á sua historia factos de grande realce e teve em tempos idos muita importancia na vida economica da Nação; mas a sua situação excentrica em relação á capital; a falta de comunicações por via acelerada, de que ha poucos anos dispõe; o rigor do seu clima na estação invernosa e não sei que mais, criaram-lhe uma lenda, no resto do paiz, de terra sertaneja, na qual os escurios dos seus habitantes fugiam de todo o contacto, os quaes a medo se atreviam, apenas, a assomar a cabeça pelas janelas entre-abertas para observarem desconfiados a passagem dos que vinham de regiões mais civilisadas, e outros dislates d'este jaez.

Ao contrario, os habitantes de Bragança são afaveis, atenciosos e hospitaleiros. Quem por lá tenha temporariamente passado o poderá confirmar.

A grande culpa, a maior responsabilidade de tal lenda correr mundo, compete aos governos da Nação. Para Bragança só teem ido officiaes e empregados burocraticos desprotegidos, a quem uma promoção de classe para lá atirava, ou aque-

les que, por ideias politicas contrarias ás de qualquer partido que acabasse de constituir ministerio, iriam pagar o crime de haver agido contrariamente ás ideias dos seus adversarios, atrevendo-se á liberdade de pensamento.

Emfim, dantes como agora todos os governos teem feito de Bragança o Pungo Andongo da metropole.

Pelos motivos referidos, Bragança e o seu districto são pouco visitados, não sendo mesmo conhecidos dos «touristes» nossos compatriotas que nos seus programas anuaes de turismo fazem figurar as viagens ao estrangeiro, cometendo a levianidade, para não dizer o verdadeiro nome, de desconhecerem o seu proprio paiz.

Bragança ocupa sem favor o lugar que lhe compete na classe das pequenas cidades de provincia; e como muitos, a grande parte de entre vós, não a conhece nem ao districto a que dá o nome, vou procurar dar-vos uma palida ideia das belezas e riquezas d'esse mesmo districto, riquezas inexploradas as quaes só por si reputo suficientes, de grande colaboração, para colocar o paiz n'uma situação economica desasombrada.

Efectivamente, será, apenas, uma palida ideia, porque tratando o assumpto com a ligeireza compativel com o caracter d'estas palestras, preciso se tornaria consultar livros e dados estatisticos para desenvolver tudo quanto de interessante se poderia referir.

MEUS CAMARADAS:

Entrando francamente no assumpto, começo por dizer-vos que a fundação de Bragança data dos primitivos tempos da dominação goda na peninsula e attribue-se a um principe de nome Brigo. Se bem que a sua fundação começasse por Bemquerença e a sua actual situação não coincida com a d'aquella, o caso é que é, sem duvida, uma cidade muito antiga. Como outras, deve a D. Diniz, o Lavrador, a sua maior expansão e o seu primeiro foral.

Estende-se na direcção L.-O. na mar-

gem esquerda do Fervença, tendo um bairro do lado de lá do rio. Fica entre a cidadela a L. e o forte de S. João de Deus a O. e, embora de casas de architectura antiga, o seu aspecto é agradável pela diversidade de linhas. As ruas são espaçosas, bem calçadas, com passeios lateraes de granito que abunda nas proximidades. A sua altitude (base da torre de menagem) é de 695 metros. A população orça por 6.000 habitantes. Tem uma guarnição militar importante para a sua categoria: 2 regimentos de infantaria 10 e 30, 6.º grupo de metralhadoras, e é séde de uma companhia da guarda fiscal e outra da guarda nacional republicana. Capital de districto, possui todas as repartições inherentes á sua administração, instaladas n'um unico e espaçoso edificio construido exclusivamente para esse fim. É séde de Bispado e possui liceu de curso complementar, frequentado por grande numero de alumnos. Sobre o Fervença ha 3 pontes: a do Loreto, Açougues e Jorge. A dos Açougues é de construcção romana.

Bragança tem agua canalizada distribuida por toda a cidade em marcos fontenarios. Todas as aguas são magnificas, principalmente as de algumas fontes antigas, sendo reputadas melhores pela sua finura as do Jorge e Abelaira.

A proposito da fonte do Jorge corre uma lenda. O recém-chegado que fôr beber agua á propria bica ficará em Bragança, não por meios violentos ou desastre — longe vá o agouro — mas por uns laços... percebem-me? A agua é então uma especie de S. Gonçalo de Amarante.

Servida por uma linha ferrea de via reduzida — a do Tua a Bragança, pertencente á Companhia Nacional de Caminhos de ferro, a sua estação é testa de linha com instalações suficientes ao seu trafego, de bonita architectura, com uma marquise em chrystal, o que não é facil encontrar em cidades até de classe mais elevada.

Possue dois monumentos nacionaes: a Torre de menagem da cidadela e a antiquissima Casa do Senado, mais conhecida por Sala d'agua.

A torre de menagem domina a cidadela assim como toda a cidade que se estende a seus pés. A cidadela ainda hoje tem em pé parte das muralhas, baluartes e torres que para o seu tempo constituíam uma praça forte. No seu interior fica uma segunda linha de muralhas com maior numero de torres que defendiam o recinto interior e as entradas para o ultimo reduto — a Torre de menagem.

Esta é de dimensões avantajadas, com 36 metros de altura e de linhas tão bem proporcionadas que a tornam harmonica e elegante, unica no seu genero em todo o paiz.

E' este o monumento mais apreciado pelos forasteiros, logo evidenciado pelo desejo de subirem á sua parte mais elevada. Separada d'esta por uma especie de parada e onde se vê uma profunda e ampla cisterna, fica a, tambem, celebre Torre da Princeza, que a tradição aponta como tendo servido de prisão a uma princeza catholica, d'onde um dia se evadiu com o auxilio de dois para-queadas, vindo a aterrar aonde actualmente está a capela da Senhora da Saude.

A Casa do Senado ou — Sala d'agua — de architectura antiquissima e original, é, segundo se diz, o unico exemplar na peninsula. E' constituída por duas unicas salas de avantajadas dimensões sobre uma larga cisterna em abobada; cisterna que apesar de ficar no ponto mais elevado do outeiro da cidadela, conserva sempre agua até determinada altura e, não obstante ser consumida em quantidade apreciavel principalmente para lavagens, breve atinge a altura anterior, nunca aproveitando a agua das chuvas. A forma por que é reabastecida não se conhece.

Bragança possui bastantes egrejas—7— não havendo nada que as distinga a não ser as belas pinturas do tecto da de S. Bento e a vasta capacidade da do convento dos franciscanos, no qual se instalou o Hospital Militar depois das convenientes obras de adaptação. Os outros conventos que possuía, S. Bento e Santa Clara, foram demolidos para darem lugar a obras de aformoseamento e alargamento da cidade.

Como pontos mais pitorescos nos seus arredores e dignos de serem visitados, ha a proxima aldeia de Gimonde com a sua ponte romana e alameda adjacente á beira rio; Cabeça Boa e Castro d'Avelãs. N'esta ultima encontra-se um Castro romano e outros vestigios da civilização romana na peninsula.

Bragança é abrigada por uma serie de colinas e montanhas que a cercam, excepto pelo N.; aberta n'esta direcção até á elevada serra hespanhola de Culebra, mais conhecida pelo nome de Sanabria, a qual ao longe se avista como um pano de fundo branco pela permanencia das suas neves durante a maior parte do ano. Bragança é batida em cheio pelos ventos do quadrante N. que, passando por esta serra, veem impregnados de tenues particulas de neve que nos retalham as faces.

Tem tal influencia no clima da região que vulgarmente se diz «em Bragança ha 9 mezes de inverno e 3 de inferno». Na verdade, a temperatura no verão como no inverno atinge os extremos de calor e do frio em Portugal.

Em tempos passados a minha cidade natal foi um centro comercial de exportação. Cervatos e Biscainhos vinham ali carregar de fazendas as suas extensas recuas de muares. No ramo industrial tinha como principal industria, pelo impulso dado por Pombal, o fabrico das suas afamadas sedas e veludos de seda, para o que se exercia em grande escala a serisicultura, não só na cidade como em todo o districto. A introducção, por francezes, de sementes vindas do seu paiz e que, pelo visto, continham o germen de uma terrivel doença epidemica, terminou quasi por completo com a criação do bicho da seda.

Varios factos ha a ilustrar a historia de Bragança, apontando ao acaso os que agora me veem á memoria: O casamento clandestino de D. Pedro com D. Ignez de Castro, na egreja de S. Vicente, segundo a tradição aponta; ser o solar já desaparecido, junto á Torre de Menagem, do tronco dos Duques de Bragança, cujo oitavo duque subiu ao

throno pela revolução de 1.º de Dezembro de 1640 que nos libertou da dominação dos Filipes, dando origem á dinastia de Bragança; ter sido nas escadas da Igreja de S. Vicente que o general Sepulveda levantou em Portugal o primeiro grito de revolta contra os francezes, revolta que alastrando-se por todo o paiz deu logar á guerra peninsular que os expulsou do solo patrio e nos levou, atravez a Hespanha depois de uma serie de batalhas, cêrcos e combates victoriosos contra os exercitos aguerridos do Grande Napoleão, até ao sul da França juntamente com o exercito de Welington, empalidecendo o brilho da estrela fulgente do Anjo da Victoria e consequentemente a do dominador da Europa.

(Continua)

BIBLIOGRAPHIA

SA'CHA'

FRANCISCO Manuel Cabral Metello, que acaba de se estreiar como publicista, teve a amabilidade de nos enviar um exemplar do seu primeiro livro «Sáchá», que consagra a sua estreia.

O «Sáchá» é, por assim dizer, um repositario de factos da vida mundana, que o auctor faz perpassar como volateis pelliculas cynematographicas, sob um espirito de critica mordaz.

Agradecemos o exemplar que nos ofereceu.

PROPAGANDA DE PORTUGAL

PELA CINEMATOGRAPHIA

POR instancias da Sociedade Propaganda de Portugal, a Casa Pathé, de Paris, vae enviar brevemente ao nosso Paiz o seu habil operador, Mr. Alexandre Rombert, a fim de colher, em fitas cinematograficas que depois serão espalhadas por todo o Mundo, os nossos antigos e artisticos monumentos, as nossas belas paysagens, os aspectos ridentes e seductores d'este belo canto da Europa, assim como os seus interessantes usos e os seus originaes costumes.

E' este um belo sistema de propaganda que ha tempo foi já tambem aproveitado pela Repartição de Turismo e que dará resultados do maior proveito se fôr acompanhado na imprensa de pequenos *clichés* elucidativos dos diferentes pontos que a filmagem fôdando á estampa no *écran*:

Seria interessante, dada a campanha de descredito que no estrangeiro se anda fazendo contra Portugal, que simultaneamente com a exhibição d'essas pelliculas,

aparecessem nos jornaes das localidades artigos descriptivos sobre as facilidades que o nosso paiz oferece aos seus visitantes e as vantagens naturaes que eles aqui encontram, não só para recreio do espirito, mas para repouso do corpo e cura das doencas.

E' absolutamente necessario fazer-se uma grande propaganda no estrangeiro a nosso favor, não só para destruir os efeitos da malevola campanha que ali se está desenvolvendo, mas, tambem, para fazer concorrência e evitar a canalisação dos viajantes, e sobretudo, dos turistas para as outras nações, onde não encontram o que Portugal oferece de superior ao que se encontra lá fóra.

Creemos que, n'este momento, uma boa propaganda na America do Norte seria um muito directo e proveitoso complemento da que ali devem fazer os turistas americanos que ha pouco visitaram o nosso Paiz e os que em breve devem tambem aqui vir.



EPIGRAPHE

*Murmurio d'agua no clepsydra gotejante,
Lentas gotas de som no relógio da torre,
Fio d'areia na ampulheta vigilante,
Leve sombra azulando a pedra do quadrante,
Assim se escôa a hora, assim se vive e morre . . .*

*Homem, que fazes tu? Para quê tanta lida,
Tão doidas ambições, tanto odio e tanta ameaça?
Procuremos somente a Belleza, que a vida
E' um punhado infantil de areia resequida,
Um som d'agua ou de bronze e uma sombra que passa.*

EUGENIO DE CASTRO

THERMAS PORTUGUEZAS

UMA VISITA A SANTO THYRSO

UM passeio ás «Caldas de Saude», lugar formosissimo, situado na freguezia de Areias—extremidade septentrional do concelho de Santo Thyrsó, a uma distancia do Porto, uns 25 kilometros, não fatiga e dá ensejo a conhecer-se aquelas thermas, já tão afamadas, e um dos mais pitorescos sitios de Portugal.

Uma rapida viagem, d'uma hora, se tanto, atravez de pequenas terras do Mi-

atrahem e sensibilisam. Casitas alvinitentes, capelas nos cumes dos montes, indicando-nos a protecção divina, as arvores com seus esguios troncos para o ceu — tudo nos fala a alma! tudo nos embevece!



Chegados a Trofa trasborda-se para um comboiosinho de viação reduzida — o de



S. THYRSO—Hotel das Thermas

(Cliché de Angelo Soleiro)

nho, iluminadas por um ardente sol de verão, faz-se agradavelmente entre S. Bento e Trofa. E' tão curta a viagem que não dá tempo, sequer, para se lêr um jornal de Lisboa. O comboio pára, em Ermezinde, S. Romão e depois na Trofa. N'este pequeno trajecto, onde tudo é tão portuguez, tão nosso, tão lindo, ha uma deliciosa paz, encantos, riquezas, que nos

«Guimarães», que nos leva a Santo Thyrsó.

A carruagem em que fomos tinha a forma, em miniatura, dos grandes salões dos Expressos.

Ao signal do chefe, da machina sahio o silvo anunciador da partida.

O comboio poz-se então em movimento. Atravessou a ponte de ferro sobre o Ave.

Lindo rio !

Nas suas margens poeticas, moram rouxinoes. O seu canto, enquanto coleámos o rio, succedeu-se cheio de alegria e de vida !

Vinte minutos depois, chegavamos a Santo Thyrso, a sempre graciosa vila. Ali, a paysagem tem sua côr alegre. Lá, para os lados do rio, havia canções emocionantes das raparigas que lavavam proximo d'Azenha.

A vila foi a terra dos frades. N'aquela epocha marcou em Portugal uma civilização ; e ainda hoje, extinctas as ordens religiosas, tem valor todas as terras portuguezas onde ha mosteiros com claustros de estilo manuelino. Os chronistas, os prosadores, os poetas, na verdade, tem apreciado historicamente aquela linda terra.

Sem duvida, Santo Thyrso, possui todos esses encantos que a Natureza abundantemente lhe deu.

A' hora da nossa chegada, badalava o sino da Igreja. Conserva o mesmo som, do meu tempo de rapaz, quando por ali andava pelo rio. Era então esse o meu passeio predilecto.

Um automovel levou-nos ao hotel das Caldinhas.

O monte de Nossa Senhora d'Assumpção onde fica a sua capelinha, toda branca, quasi que nos acompanha pela estrada.

Rumor compassado de vozes esganiçadas, por aqueles campos, se ouviam :

Eram homens e mulheres que andavam a vindimar. Havia vinho á farta. As videiras estavam carregadas de cachos, graças a Deus !...

O carro galgou mais um kilometro e eis-nos lá, proximo ao hotel. Alto. Estavamos na pequenina avenida, em frente do magestoso edificio. A entrada é aristocratica e elegante, o mais moderna possível. Os srs. : José Manoel Soleiro e José Iglesias Alvares, dirigentes d'aquela hotel, receberam-nos amavelmente. Depois de cumprimentos affectuosos, apresentação a alguns hospedes, que ali estavam, fizemos uma visita rapida a toda a casa ; percorremos os salões de jantar, de festas, de

leitura, de bilhar ; entrámos nos quartos do 1.º e 2.º pavimento. Por toda a parte ha iluminação electrica.

Mobiliario *chic*, agua encanada, nada ali falta em comodidade e conforto. Segundo ouvi dizer a um hospede, aquele hotel é considerado pelo conselho de Turismo, como hotel modelo de thermas.

E creio que assim deve ser.

Seguidamente vimos o balneario. E' um estabelecimento, que se deve considerar como um dos melhores do paiz.

As excellentes aguas de Santo Thyrso são empregadas para doenças de estomago, intestinos, vias respiratorias e genito-uritarias. As curas manifestam-se rapidamente, pondo assim em evidencia o magnifico resultado d'essas milagrosas aguas.

Emfim, umas horas ali estivemos n'aquela socego, n'aquela paz, entre a beleza local, onde só se vê ceu e verdura. Ali o dia começa e acaba sem aborrecer !...

Lisboa, Março 1923,

JOÃO PIMENTEL.

IMPrensa

REGISTAMOS, com muito prazer, os anniversarios dos nossos muito estimados colegas «A Epoca», «Correio da Manhã», «Dia» e «Diario de Lisboa» pelo que a *Revista de Turismo* lhes apresenta os seus mais affectuosos cumprimentos, endereçando-lhes os seus melhores votos de longa e prospera vida.

«REVISTA DE TURISMO»

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont. — semest.	5\$00
Ano	10\$00
Colonias—ano	15\$00
Extrangeiro—ano	20\$00
Numero avulso	1\$00 (1\$000 réis)

Excursionistas estrangeiros em Portugal

OS GRANDES TRANSATLANTICOS DE TURISMO

MERCE d'uma insistente propaganda a que a nossa Revista tem dado uma boa quota-parte, o nosso Paiz acaba de receber, em visita que lhe foi feita especialmente, duas grandes excursões de estrangeiros: uma vinda a bordo do grande paquete holandez «Roterdam», entrado em Fevereiro passado no Tejo; e outra, que ha dias esteve no nosso porto, a bordo do «Mauretania», que é hoje o maior paquete transatlantico.

Ambas as excursões equivaliam-se no numero, pois que cada uma d'elas compunha-se de cerca de quatrocentas pessoas, americanas na sua grande maioria.

Todos os excursionistas tiveram occasião de gozar o nosso belo ceu azul, o resplandecente sol, a amenidade do clima que é invejado por todos. Disfrutaram as belezas que se encontram desde a entrada do nosso magestoso Tejo, cujas margens, a partir da sua foz, proporcionaram aos nossos hospedes o inicio dos espamos d'amiração que se manifestam sempre em quem, pela primeira vez, entra em Portugal pelo seu principal Rio. Depois, a sua enorme largura, as suas aguas azuladas rebrilhando ao contacto dos faiscantes raios solares; o panorama original e unico que a cidade oferece, tudo enfim, modifica a expectativa dos excursionistas em progressivo interesse, em desejos de contemplação do que haverá de belo adentro d'um paiz que, logo d'entrada, apresenta aos seus visitantes tão encantadores aspectos.

Embora a demora aqui dos excursionistas fosse curta, não deixou a sua grande maioria de visitar alguns dos nossos museus, os monumentos que ficam perto da cidade e de, em rapido passeio, gozarem as delicias de Cintra, de Cascaes, dos Estoris, d'onde trouxeram as impressões suficientes para lhes deixar a vontade de voltarem e de, mais demoradamente, sa-

borearem todos os encantos que essas formosas estancias prodigalisam aos seus visitantes.

Não nos foi dado irmos a bordo do «Roterdam».

Porem, para a visita ao «Mauretania» recebemos convite dos agentes da Cunard Line, Sr. Garland, Laidley & C.^a, visita que se realizou em sexta-feira santa e para a qual tambem foram convidados os representantes da demais imprensa alfacinha e grande numero de pessoas da sociedade lisbonense.

O «Mauretania», que desloca perto de 30.000 toneladas, é o maior barco da marinha mercante mundial que tem vindo ao Tejo. E' um verdadeiro colosso. Não obstante ser bastante comprido, as suas linhas são elegantes e o seu conjuncto é atrahente. Acima da enorme altura do seu costado e dos diferentes *decks*, sobresahem quatro largas chaminés, em forma oval, que lhe dão ainda uma mais avantajada apparencia.

Dentro d'esse monstro maritimo que todavia se movimenta com uma facilidade grande, pois a sua marcha é, normalmente, de 27 nós, ha tudo quanto é necessario para regosijo dos protegidos da Fortuna que se podem dar o prazer de viajar n'esses barcos encantados. O luxo, o conforto e a comodidade abundam n'esse hotel flutuante, onde se perde, por completo, a noção de que se está no mar.

Os seus esplendidos salões de musica, de recepção, de refeições, de dança, de leitura, de jogos, são uma maravilha de palacio de fadas: são um exemplo frisante do que pode e sabe fazer o genio humano para atrahir aqueles que apenas procuram na vida o que ela tem de bom.

Nada, por assim dizer, falta n'esse barco para a satisfação das mais cáras exigencias. Desde a estação de telegrafia-sem fios, pon-do facil e rapidamente, no alto mar, os pas-

sageiros em contacto com todo o Mundo, até as exhibições animatograficas; desde a casa de gymnastica e d'exercicios athleticos e sportivos, até á longa avenida — *á beira mar* — para passeio recreativo e hygienico — tudo: musica, *bars*, estabelecimento de vendas, se encontra n'esse palacio maritimo, que conta, em tripulação, composta de officaes, medicos, enfermeiros, machinistas, fogueiros, lavadeiras, creados, *grooms* — emfim uma população completa, cerca de 300 pessoas.

Por gosto faz-se uma viagem n'esse esplendido barco.

Mas para se satisfazer esse prazer, só tendo o de se ser, pelo menos, milionario americano — que deve ser, todavia, um pouco superior aquele.

O «Mauretania», seguiu de Lisboa, onde se demorou trez dias, em direcção a Southampton, d'onde retoma a sua marcha com rumo á America do Norte para desembarcar na patria de Washington, os trezentos americanos que tiveram a felicidade de, durante algumas semanas, n'ele se alojarem principescamente.

Certamente, d'entre as boas recordações

que esses excursionistas recolheram da sua interessante viagem, sobresahiram as que Portugal, embora momentaneamente, lhes ofereceu e que, sem duvida, constituirão a base da propaganda que sobre o nosso Paiz eles farão na sua patria.

Essa propaganda que é — de resto — a melhor que um paiz pode ter, seria de optimos, praticos e imediatos resultados, se houvesse na America do Norte um posto de informações, que methodicamente auxiliasse a sua expansão.

Não ha duvida de que as agencias maritimas e as de viagem alguma coisa podem fazer de proveitoso para o nosso paiz, se aqui encontrarem sempre as facilidades indispensaveis para que a sua acção dê os resultados desejados; mas isso não é o suficiente para a satisfação dos nossos desejos e para a das necessidades de Portugal, que precisa, (como aliás succede com outras mais poderosas nações) o refrigerio do oiro estrangeiro para estimulo d'uma baixa de cambio e, consequentemente, d'uma melhoria de situação material e moral, a todos os titulos indispensavel.

NOTICIAS DIVERSAS

Linha de Ayamonte à fronteira de Portugal

REUNIRAM-SE ha pouco em Huelva as Camaras de Comercio d'esta cidade e de Ayamonte, e os alcaides de Lepe, Cartaya e Gibráleon, interessados na construcção do prolongamento do caminho de ferro de Ayamonte até á fronteira portugueza de Vila Real de Santo Antonio.

Foi resolvido que uma comissão vá a Madrid tratar da continuacão das obras que se acham suspensas desde o começo da guerra europeia.

A ligacão da nossa linha do Algarve com a rede hespanhola deve contribuir bastante para o desenvolvimento das nossas relações com a nação visinha, facilitando belas excursões de turismo.

Expresso-Marselha-Toulouse-Lisboa

SEGUNDO noticiam os periodicos francezes, a Companhia do Midi de França pensa pôr em circulaçã, a partir do 1 do proximo mez de ju-

nho, um comboio expresso que, partindo de Marselha e passando por Toulouse, chegue a Hendaya a hora de poder ligar com o rapido Medina-Lisboa, permitindo assim fazer-se a viagem de Marselha a Lisboa em 48 horas.

A Companhia do Midi está empenhada em incluir na composicão d'este expresso uma carruagem directa de Marselha a Lisboa, com compartimentos de 1.^a e 2.^a classes.

A pratica d'este novo serviço é d'um alto interesse para o nosso Paiz, que d'ele certamente colherá os melhores resultados.

O "Roma-Expresso,"

Este comboio de luxo que liga Paris ás principaes cidades da Italia, acaba de passar a ser diario e com uma marcha mais acelerada.

De Paris a Roma foram ganhas duas horas no percurso, sendo uma em França e outra em Italia. N'este comboio circulam já as novas carruagens dos W. L. de um logar por compartimento.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL, — 1 largo Rafael Bordalo Pinheiro, 27 — (Antigo Largo d'Abegoaria)